

PMDB só tem chance em 90, prevê Jader

RITAMARIA PEREIRA

Certo de que foram as divergências internas que acabaram com as chances eleitorais do PMDB na campanha sucessória e que, por essa razão, a cúpula do partido deve se preocupar desde já com a eleição de 1990, o ministro Jader Barbalho revelou ontem, ao **CORREIO BRAZILIENSE**, que é esse tipo de conversa que prefere alimentar com os integrantes do partido que o têm procurado, como aconteceu com o governador de São Paulo, Orestes Quêrcia. Para ele, não há como trabalhar no sentido de engajar o grupo moderado na campanha de Ulysses Guimarães, quando ninguém mais acredita no seu êxito eleitoral.

Ainda magoado com os que lhe negaram a condição de histórico e fundador do PMDB, para vetar sua participação na Executiva do partido apenas porque integrava a equipe do Governo, Jader Barbalho explicou que vai se empenhar para evitar a fragmentação da legenda, garantindo a máquina partidária para disputar a eleição de 1990, quando serão renovados os governos e legislativos estaduais e o Congresso Nacional.

Nas conversas com governadores e lideranças peemedebistas, ele vem revelando a necessidade de que a cúpula do PMDB adote uma postura de equilíbrio, para salvar a legenda, que corresponde à maior estrutura partidária do País. E vale-se do exemplo do PSD, que sofreu sucessivas derrotas, mas só acabou com o Ato Institucional número 2. Então, observa, a história não pode se resumir em ganhar eleições.

Lembra, ainda, que o PSD tinha apenas quatro anos de vida, quando foi derrotado, em 1950, e suportou o baque. Portanto, o PMDB, que tem vinte anos, deve cuidar para que o insucesso não funcione como elemento desagregador. É essa responsabilidade que Jader Barbalho espera despertar entre os dirigentes do seu partido, ao mesmo tempo em que se dispõe a contribuir para manter vivo o PMDB.

Na sua opinião, as eleições não podem levar os políticos brasileiros a

destruir os partidos em nome de objetivos passageiros, como é o apoio sazonal a um ou outro candidato. Jader Barbalho fala também da vontade de preservar o PMDB para as eleições de 1990 tomando inclusive, como exemplo, os erros sucessivos cometidos agora. Do contrário, resume, ficaremos como se diz lá no Norte: "sem o mel, nem a cabaça".

Ele faz também uma avaliação dos erros em relação à conduta dos dirigentes do PMDB para eliminar os moderados. "Ninguém me avisou que eu tinha que deixar o Governo para ficar no PMDB, e essa história de posar como hermafrodita é que tem prejudicado a candidatura Ulysses Guimarães", avalia o ministro, achando que é um erro passar a imagem de que o partido nada tem a ver com o governo Sarney.

Aliás, segundo revelou, ele mesmo procurou o então candidato a candidato Ulysses Guimarães para lhe dizer que a mensagem ambivalente era ruim para sua candidatura. Antes, advertiu que estavam encaminhando mal a questão interna do partido: "Eu passei algumas horas ponderando e nada consegui. Depois, brigamos por duas vagas na Executiva, que tem mais de 15 integrantes, e não nos reconheceram o direito de participar, ainda que em maioria. Agora, com a performance ruim, falta motivação para aderir e o melhor mesmo, em termos de futuro, é começar a trabalhar para evitar a desagregação e disputar a eleição de 1990", explica.

Toda essa preocupação se soma a um problema individual de Jader Barbalho. Político por excelência, dono de uma combatividade conhecida, ele acaba admitindo que não se sente bem ausente do processo sucessório, mas no momento também não está motivado para participar. Como os demais integrantes do chamado grupo moderado, está aguardando os acontecimentos.

No seu entender, a opção que restou a seu partido foi a de não colocar em jogo o patrimônio do PMDB. Todavia, teme que falte serenidade aos dirigentes para preservar a máquina e estrutura partidárias. E, se acontecer, admite, será o caos. Ele

não se detém na análise das contradições peemedebistas e ri descontraído à observação de que foi vetado pela cúpula, teve seu passado de histórico menosprezado por waldiristas e agora são esses mesmos políticos que, ao lado de Waldir Pires, comparecem ao palanque do candidato do PMDB junto de pessoas sem nenhuma responsabilidade com o partido.

Foi o que aconteceu em Goiânia, quando no palanque de Ulysses Guimarães e Waldir Pires não estava, por exemplo, Íris Rezende como Jader, um histórico e fundador do partido. Mas disse presente o senador Irapuan Costa Júnior, que chegou ao PMDB recentemente, tendo sido governador biónico e do PDS, com passagem pela Arena. O ministro, porém, não pega o mote e apenas balança a cabeça diante do registro da contradição, sem polemizar.

Depois volta à tese da unidade. Jader Barbalho conversou longamente em São Paulo com o governador Orestes Quêrcia sobre os perigos da desintegração do PMDB, advogando ainda que as lideranças comecem a pensar no que farão no dia seguinte à eleição de novembro. Do contrário, prevê, "teremos dias negros pela frente".

No seu entender, as divergências acabaram com as chances do PMDB chegar ao segundo turno das eleições presidenciais e agravam a performance eleitoral do candidato Ulysses Guimarães. Além disso, discorda da insistência com que o comando do partido bate na tecla de negar sua participação no governo Sarney. Isso não é bom como mensagem ao povo, adverte.

Sem motivação por nenhuma candidatura e achando ainda que não tem pressa para se definir — "quem tem pressa são os candidatos" — o ministro da Previdência procura suprir a lacuna que lhe provoca o distanciamento político dedicando-se aos problemas da pasta que ocupa. Para Jader Barbalho, as discriminações internas do PMDB impediram que se engajassem na campanha e a melhor posição é deixar o tempo passar, trabalhando apenas em relação a 1990.